

## Ser e estar

*Olhar a Vida*, a mais recente obra de Alcides Buss, enlaça com natural perspicácia o poeta, o poema e a existência

Por Lauro Junkes\*

Ser poeta não constitui um simples privilégio, mas resulta do constante construir-se poeta. Porque ser poeta consiste em assumir a vida, ser a vida, não apenas nela estar. O caráter poético não libera o poeta de galgar passo a passo os meandros da existência. E olhar a vida abrange o existir próprio e o dos semelhantes. O poeta Alcides Buss bem o demonstra em *Olhar a Vida* (Fpolis: Insular, 2007).

Torna-se cada vez mais introspectiva a poesia de Alcides, percebendo-se como, “no passar das horas”, dos dias, dos anos, o próprio sentido da existência passa por análises, constatações, riscos, indagações múltiplas, em meio ao que germinam “copiosas / as flores do absurdo”, enquanto “concentro-me pra ver-me / dentro do que sou”, auscultando os diversos sentidos; “mas como alcançar este lado / de dentro, tão próximo e colado / no de fora?”. No poema de abertura, *Ser e estar*, ainda que buscando maior objetividade na terceira pessoa, no “ser” ressoa um inquietante questionamento sobre a condição humana no tempo. Aliás, “o ser” constitui sempre foco de questionamento na poesia de Alcides. E *Dos efeitos de acaso ter sido* revela como cabe à intuição lúcida do poeta desvelar facetas da realidade, não necessariamente de absoluta novidade, como aqui, quando o poeta questiona/constata a possibilidade do diverso na sua casa e vida, “se em teu lugar estivesse / uma outra”. Não raro, nesse existir, torna-se preciso, para sobreviver ou reequilibrar-se nessa “dança do destino”, enveredar-se pelas *Artes do delírio* ou pelo “nonsense / da ruptura”.

A existência constitui o grande desafio e enigma, na incerteza dos rumos e das metas, ante a “sombra fortuita” e o “relógio do nada”, para desaguar nas irrespondíveis indagações repetidas do *Poema do Desamparo*, mesmo que tente dublar ou driblar a “mística do gol”. O poema tende irresistivelmente a abstratizar o concreto, a analisar filosófica e existencialmente todas as atitudes, sentimentos, “quereres”, num olhar penetrante, mas que esbarra sempre em buracos negros, em vias insolúveis, em enigmática “sombra”, recorrente com frequência. Defronta-se o poeta com *Outros lugares*, de vivências diversas, com “um exercício de sombras”; vislumbra caminhos *Assim e de outra forma*, mas “o caos (que) em tudo impera”; sente-se “À deriva do acerto, me guio / por outros incertos caminhos”, desafiado pelas *Fronteiras* “eu / um rio anterior / e posterior a si mesmo”; defronta-se com o vazio da *Força de hábito*, e o enigmático Se tudo recobre: “A cada minuto é / preciso / inventar-se um futuro”.

*O fluir das metáforas* explicita o paralelo entre rio e ser – “Mantém / fazendo-se outro”: se o tempo flui inexorável, modifica-se a mesmice da vida? Existe consciência ou percepção lúcida? Quantos são os momentos da vida em que podemos dizer: “Agora estou / completamente / em meu ser”? Amarga e audaz atitude esta de enfrentar-se: “O que vem e o que não vem de mim”. Ousamos, lucidamente, arrancar nossas máscaras? Nos poemas avulta inexorável o fluxo e a ação do tempo, com sua devastadora arrogância, que tudo arrasta, impondo-se, na sua esteira, apenas vazios, incertezas, interrogações em relação a “essa coisa que chamamos / vida”, na prova dos *Noves fora*. Confissões de menos abrem sulcos de ambigüidades nessa “incerta / certeza de que Deus / não me ouve” nessa “cósmica província do abandono”, nessa “sombra do que fomos”, no “absurdo do mundo”, no indecifrável *Simulacro* da vida.

*Olhar a Vida* entrelaça com natural perspicácia o poeta, o poema e a existência. Não apenas, por expressão lírica, o eu poético marcar tudo decisivamente. Sim, porque existência e poema englobam uma só natureza no poeta, como se depreende dos versos finais de *Lealdade*: “Nada mais quero que isto: / morrer nos signos em curso, / depois nascer como quem / apenas passeia / na própria insignificância”. *O homem de letras* sintetiza: “De tudo, sou um”, amalgamando “As árvores idas (das letras)” com os arbustos do amor”. O poeta é um *Bicho geográfico*: “Em Nova York / ou em Florianópolis / o poeta é um só”. Qual será relação entre *O poeta e a cidade*? Sentindo que “A cidade farta-se de si”, “o poeta recua à sombra / do não-dito. A verdade, / ela que se diga”. E o poeta irmana-se com seus companheiros de luta. *Severino* representa um tributo de arguta perspicácia à severa arte poética de João Cabral de Melo Neto, como também, mais adiante, *Irmãos, ou mais* consolida fraterna homenagem a Lindolf Bell.

Uma segunda parte acrescenta *Outros poemas* que, em grande parte englobam temática e tonalidade do primeiro conjunto. Assim, aproximando *Vegetal e humano*, questiona a própria superioridade do “humano”. A nostalgia (irônica?) de *Pós-humano* conduz à existencialidade deprimente. *O peso da aurora* inscreve-se na linha de *O que não sei*, pois, o que “tenho comigo” talvez mais desencaminhe do que possa conduzir à integralidade da existência. Avultam as perplexidades dos novos tempos, da *Miragem*, dos “clones”, quase que culminando com a *Encruzilhada*: “que faço de mim?”, quando anteriormente já havia constatado: “Inventei-me no decurso deste dia”.

Imprescindível torna-se atentar para o trabalho do poeta com e sobre a linguagem, elevando-a permanentemente ao nível poético, que não permite vislumbre sequer de caráter prosaico, cuja hora e vez pertence a outro reino. Nos poemas deste conjunto, as palavras diluem, desmaterializam, desfazem contorno de concretude, para insinuar a ambigüidade sugestiva. Imagens surreais, associações impertinentes, antíteses, oximoros, sinestésias, aliteraões, projeções sonoras e outros tantos artifícios

povoam, desafiantes, essa poética da busca, sempre desafiante, do sentido da existência. Veja-se a multiplicidade das imagens no final de *Desfigurado*: “Na compaixão inútil / das palavras mudas, / me dou ao suplício / de sentir, sentir, sentir, / / como se tudo morresse / e tivesse ficado meu ser / cercado em si mesmo / pela falta da morte”. Em *Volúpia pra Florbela Espanca*, as imagens antitéticas condensam essa “volúpia”: “teus dedos em meus dedos / são vendavais, são desertos”; ou então, “tu és o que era, absoluta / recusa de nada e de tudo”. Aliteraões aproximam dissociações no jogo antitético do próprio título *Pacíficas sombras e rumos*: “De um e de outro emanam / os rios e os risos, as sortes / e as setas da história”. A perplexidade desilusória projeta-se de *Atávico emblema*: “Alimentamo-nos da sede / que nasce do nada”. Carregam-se de plúrimas sugestões os Silêncios, que revelam ser impossível “calar o silêncio”, quando “a adaga divina / irrompe, invisível, / cruelmente nenhuma”.

E as sinestésias – essa figura integralmente poética que subjetiva os estados, reinos e relacionamentos de percepções por órgãos de sentidos diversos – afloram sempre instigantes: adensa-se a sensação, no *Poema do desamparo*: “se o teu coração não ouve / o silêncio do meu afeto” ou “se as flores deste momento / estão sangrando de frio”, intensifica-se a fria amargura de *O poeta e a cidade* quando “À sombra das ausências / nenhum desejo persiste”; a dissolução frustrante da *Luxúria* se adensa quando “As rotas interiores / desfazem-se, obscuras” e quando “É águia rarefeita / entre os dedos da sede / perdida na memória”; as *Virtuosidades* quase que se concretizam na argúcia da expressão: “O dia que foge, com dóceis rumores / de azul, sobrevém ao vazio / das sobras futuras”, armando cilada incontornável à lógica racional; enquanto “O que é capaz de unir-nos” refina a sutilidade: “Completo-me de aromas / e brisas de tuas mãos / internas à fome”, a percepção da *Realidade* busca superar a crueza na contraposição: “Oh, quisera o tempo / em que podia ouvir / o canto dos jasmims”.

Avaliar o caráter humano – poético de *Olhar a Vida* exige indispensável leitura.

\* Presidente da Academia Catarinense de Letras.

In: Jornal *Diário Catarinense*, Florianópolis, 17/11/2007. Suplemento *Caderno de Cultura*, p. 4.